

## **A ÚLTIMA NOTA DE RODAPÉ DO CAPÍTULO II (A MÁ-FÉ) DE *O SER E O NADA*. Wagner de Barros, José Carlos Bruni – filosofia – Departamento de Filosofia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.**

O existencialismo tem como objetivo principal investigar a existência humana. Como os diferentes indivíduos se relacionam com a existência? O que é existir de modo singular, único? O tema da autenticidade faz parte deste cenário conceitual. Ser autêntico é um modo do indivíduo se comprometer com o seu existir. Assim, podemos interpretar a palavra “autenticidade” como “fidelidade a si”. Partindo de uma análise existencial, a autenticidade revela que o homem é fiel a si mesmo e que a sua existência está realizada. Ele não está perdido, ao contrário, ele se encontrou. O indivíduo não tenta escapar de si mesmo, mas age e existe de modo singular, de modo próprio.

Podemos dizer que a autenticidade começa a ser analisada, por meio de um prisma existencial, na filosofia de Kierkegaard (1813-1855). Nos escritos do filósofo podemos já observar alguns traços desse “modo de existir”. Para Kierkegaard, todos nós podemos nos transformar em Indivíduo. Isso acontece quando o homem assume a consciência de que ele existe e que é responsável pela sua existência. Seguindo a tradição da analítica existencial, Sartre (1905-1980) também enfrenta o problema da autenticidade em sua filosofia.

O tema da autenticidade em Sartre aparece de um modo mais evidente no texto *Reflexões sobre a questão judaica*. Embora destinado a analisar o problema do anti-semitismo, encontramos neste texto Sartre descrevendo e caracterizando a existência autêntica e inautêntica.

Para o filósofo, ser autêntico é ser responsável por aquilo que somos, encarar o problema da nossa situação, em suma, é escolher a si mesmo e ir até as últimas consequências. Não se trata mais de fugir da nossa condição. O autor observa que, diante do preconceito, o judeu é obrigado a tomar uma atitude. Uma delas é evitar sua questão, o seu judaísmo. Essa atitude será descrita como inautenticidade. O judeu inautêntico é o homem que tenta dissimular o seu judaísmo. Mais ainda, ele busca não ser judeu tentando transformar-se em um outro homem, ele procura demonstrar que não há um judeu, mas apenas o homem. Sartre declara que “O fim em mira é, ao mesmo tempo, obter certo resultado no mundo exterior e provar a si mesmo, provar aos outros, que não existe natureza judia. Por isso muitos judeus inautênticos simulam não ser *judeus*” (SARTRE, 1963, p. 56). Assim, percebemos que, inautenticidade, o judeu se transforma em “anti-semita”. Ele faz de tudo para apagar os seus traços judaicos e nega, mais do que qualquer outro, a sua situação judaica. Não obstante, por mais que ele evite a si mesmo, tudo não passa de uma fuga estéril. A todo o momento o judeu é reenviado para a sua situação. Não quer ser judeu, mas ele não pode. Ele não quer sentir-se judeu, mas os outros já o acusam de sua condição.

Por outro lado, o judeu autêntico tenta ser aceito enquanto tal. Ele não foge mais do judaísmo, ao contrário, ele reforça a sua singularidade. A figura do judeu é criada pelo anti-semita. Porém, no caso do homem autêntico, ele se faz naquilo que ele é. Ele não tentará mais esconder o seu judaísmo, mas reforçará sua descendência e seus traços judaicos. Não há mais uma determinação exterior. Vejamos o que Sartre diz a este respeito:

A autenticidade judaica consiste em escolher-se como judeu, isto é, em realizar sua condição judaica. O judeu autêntico abandona o mito do homem universal: ele se conhece e se quer na história como criatura histórica danada; cessou de evadir-se e de sentir vergonha dos seus. Compreendeu que a sociedade é má; ao monismo ingênuo do judeu inautêntico, substitui um pluralismo social; sabe que é à parte, intocável, infamado, proscrito como tal que ele se reivindica (SARTRE, 1963, p. 79)

Se na inautenticidade vimos o judeu se refugiando no homem abstrato, na autenticidade encontramos-lo querendo ser aceito enquanto tal e não enquanto homem. O indivíduo autêntico não utiliza mais o discurso racional que iguala os homens. Na autenticidade o judeu compreende os indivíduos como

seres singulares e concretos, pertencentes a uma situação singular. Em vez de tentar suprimir estas particularidades, cabe considerá-las enquanto tais e aceitá-las enquanto individuais. Assim, o judeu autêntico é um homem que quer ser aceito enquanto indivíduo, enquanto judeu. Neste sentido, constatamos a retomada de si mesmo, ou seja, não há mais uma negação do judaísmo como ocorria no primeiro caso. Ao contrário, ele agora mantém uma relação direta consigo, com sua condição: ele se assume.

No entanto, a filosofia sartreana aparentemente impossibilita a existência autêntica. Como assim? Sartre considera o homem como um projetar-se, isto é, o homem é transcendência que se torna evidente na liberdade. Ora, se o homem é um constante movimento para fora de si, um ser que “não é o que ele é e é o que ele não é” (SARTRE, 2001, p.128), como pode então haver a identidade? Não podemos esquecer também o conceito de má-fé. Para Sartre, todo homem que nega a sua condição é um homem que age de má-fé. Agir de má-fé é negar a nossa liberdade. Na má-fé o homem finge ser algo que ele não é. Ele dissimula para si mesmo, ele mente para si próprio. Deste modo, um indivíduo que justifica uma ação age de má-fé, pois a liberdade é o ser do homem. No entanto, a má-fé apenas complica a nossa explicação da autenticidade. Isso porque ela impossibilita qualquer projeto de existência autêntica, já que toda e qualquer tentativa de ser si mesmo é transformada em uma atitude de negação de si. Mais ainda, toda a existência humana é caracterizada como uma fuga de si. Nas palavras de Philonenko:

Eu sou invadido por uma liberdade total, mas da qual eu não sei fazer nada e, por conseqüência, esta liberdade encontra o seu emprego no jogo da má-fé, o que quer dizer que nenhuma das minhas escolhas será susceptível de uma justificação plenamente leal, o que quer dizer também que neste sistema, paradoxalmente, a liberdade é o que me esconde de mim e que a noção de engajamento, tão cara a Sartre, só é uma ramificação da má-fé, ‘porque eu nunca sou nenhum dos meus atos, nenhuma de minhas condutas’ (PHILONENKO, 1981, p. 157)

Com isso, resta a pergunta: como podemos assumir o nosso ser se o nosso ser é um construir-se? Como é possível a autenticidade na filosofia sartreana? Esse trabalho tem como problematizar o tema da autenticidade no pensamento de Sartre. Para isso, analisaremos o caso do judeu autêntico no texto *Reflexão sobre a questão judaica*. Logo depois, trabalharemos com o conceito de má-fé, encontrando no livro *O ser e o nada*. Por fim, vamos expor o conflito conceitual que se estabelece dentro do pensamento de Sartre.

### **Referencia Bibliográfica:**

SARTRE, J-P. *O Ser e o Nada*. Petrópolis: Vozes, 2003

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a questão judaica*. São Paulo: Editora Européia do Livro, 1963

PHILONENKO, A. *Liberté et mauvaise foi chez Sartre*. *Revue de Métaphysique et Morale*, [S.l.: s.n.]1981, n 2. pp. 145 – 163.